

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

JOÃO DE MEIRA, ESCRITOR FINGIDOR.

NEVES, António Amaro das

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

Como citar este documento:

NEVES, António Amaro das, João de Meira, escritor fingidor. *Revista de Guimarães*, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 151-155.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

JOÃO DE MEIRA, ESCRITOR FINGIDOR

ANTÓNIO AMARO DAS NEVES¹

Pois é forçoso confessar que nesse concurso de graça e beleza espiritual João de Meira encontrou ensejo de fazer sobressair a feição característica da sua individualidade por forma que a nuvem de melancolia que, às vezes pairava no seu rosto, se convertia em auréola de inspirado.

Cândido de Pinho.

O olhar azul, límpido e ingénuo que Alfredo Pimenta descreveu em João de Meira provinha de uma personalidade complexa e aparentemente contraditória. A capa que cobria o académico rigoroso, circunspecto, dotado da austera severidade que se espera encontrar num professor de Medicina Legal e director de uma morgue, também cobria a natureza desconcertante, que aflorava na sua escrita mais criativa. Estudioso da literatura, dos seus diferentes períodos, géneros e estilos, e senhor de uma escrita dúctil e imaginativa, parecia reunir todas as condições para vir a figurar na primeira linha da literatura portuguesa das décadas iniciais do século XX. No entanto, não daria livre sequência às suas inclinações literárias, embrenhando-se nos estudos científicos, da medicina e da história. Apesar de ter deixado uma significativa colecção de poemas, maioritariamente produções de juventude, não chegou a construir uma obra com a densidade e a dimensão que lhe pressagiava quem acompanhou as suas primeiras incursões nas lides literárias. Da maturidade de João de Meira, demasiado breve, para além dos textos de história ou de medicina que resultavam dos estudos a que se dedicava, apenas ficaram uns quantos textos em que, por divertimento, imitava os estilos de diversos escritores, de diferentes tempos e géneros.

O talento de João de Meira na imitação de escritores celebrados surpreendeu os seus pares da Faculdade de Medicina do Porto quando, em 1911, animou um jantar que assinalava a jubilação de Maximiano de Lemos da docência

¹ Investigador do CITCEM/Universidade do Porto, Professor na Escola Secundária Francisco de Holanda - amarasneves@esfh.pt

universitária com a leitura de uma colectânea de textos originais, improvisados “das 10 às 2 horas da noite”, com a “assinatura” de diversos autores já desaparecidos. Cândido de Pinho testemunhou esse momento:

No intervalo de cada um dos pratos João de Meira levantava-se, simples, recolhido e solene, e, chegando junto de Maximiano, recitava-lhe um texto, composto no estilo dos nossos literatos mais notáveis desde o XII século até agora, alusivo à sua jubilação. A linguagem, o pensamento, a estrutura da frase, a própria feição crítica ou dialéctica do autor, achavam-se reproduzidas com uma exactidão inexcedível. Ninguém diria que não estava ouvindo um trecho impressivo dum dos nossos mais considerados literatos, prosadores e poetas. Assim foram desfilando naquele cortejo apoteótico e comemorativo o rei D. Dinis, Fernão Lopes, Cristóvão Falcão, Luís de Camões, Diogo Bernardes, Padre António Vieira, Fialho de Almeida, Eça de Queirós, António Nobre, Xavier de Novais e outros até concluir por uma engraçada facécia, estilo Conan Doyle, intitulada Sherlock Holmes no Porto. Era uma verdadeira balada heróica, fazendo lembrar a balada dos mortos, de Huland.

O divertimento de Meira não estava tanto em produzir *pastiches*, mas sim em fazê-los passar por obras autênticas dos seus supostos autores, supostamente resgatados do esquecimento. Ao evocar a memória de João de Meira, o professor Maximiano de Lemos lembrava que o seu amigo, “de vez em quando, publicava nos periódicos versos imitados de Cesário Verde, de Antero, etc., que mistificavam os mais entendidos”.

Conhecemos três textos da autoria de João de Meira remetidos para publicações periódicas como obras de autores consagrados. Dois deles foram assumidos como autênticos e publicados em jornais diários, *Loira*, um poema apresentado como um original inédito de Cesário Verde, publicado no jornal *Dia* de 13 de Setembro de 1910, e *Terror*, um soneto atribuído a Antero de Quental, que saiu no *Diário da Tarde* e que foi reproduzido pelo jornal *Dia*, na sua edição de 22 de Setembro de 1910.

O primeiro apareceu publicado debaixo do seguinte título:

POETAS MORTOS
Um inédito de Cesário Verde
“Loira” - primor literário desconhecido do público

A notícia da “descoberta” vem antecedida por uma carta datada de 10 de Setembro e assinada por um tal José do Nascimento Monteiro, de Guimarães,

que afirmava ter descoberto um poema de Cesário que supunha inédito num “álbum de escritos e desenhos” que lhe fora confiado por uma “uma ilustre senhora”, cuja identidade não poderia revelar.

O segundo, apresentado em título como “um soneto inédito de Antero de Quental”, fora remetido ao jornal *A Tarde* por alguém que dizia ser Miguel da Costa Maia, de Vila do Conde, que o teria encontrado no meio de papéis velhos vendidos a peso numa mercearia da sua terra, onde também havia cartas de Oliveira Martins, Batalha Reis, Alberto Sampaio e outros, dirigidas a Antero de Quental, documentos que teriam ficado esquecidos do tempo em que ali vivera o poeta das *Odes Modernas*.

Finalmente, entre os papéis que o seu irmão Gonsalo compilou e entregou à Sociedade Martins Sarmento, encontra-se a cópia de manuscrito intitulado *Jubileu de Amores*, nada mais do que um dos autos auto desaparecidos de Gil Vicente, prodigiosamente descoberto por João de Meira no aparo da caneta com que o escreveu... Pela carta que o antecede, percebe-se que teria sido enviado a uma revista:

Snr. Redactor

Leio no último n.º da sua magnífica Revista um artigo acerca da Snr.ª D. Carolina Michäelis onde se fala num auto perdido de Gil Vicente chamado Jubileu de Amores. Entre os meus papéis existe há muito tempo um folheto com esse título mas sem nome de autor. Será esse o auto em questão? V. Exa. melhor o poderá decidir do que eu. E por isso lhe envio a fotografia do frontispício do auto e uma cópia feita tant bien que mal porque o original está bastante avariado, tendo até a considerável lacuna de 4 páginas. Escuso de dizer-lhe que modernizei a ortografia e introduzi alguma pontuação.

*P. S. O folheto veio-me às mãos entre as folhas de um volumoso obituário ms. pertencente ao Convento do Mato da Ordem de S. Jerónimo que em 1878 comprei ao falecido alfarrabista Resina.
João Monteiro*

Para João de Meira, a reprodução dos estilos de escrita de diferentes escritores é um processo criativo que vai muito para além da mera imitação. Em alguns dos textos que produziu, a maestria da sua arte imitativa alcançou tal perfeição que até os mais abalizados especialistas nas obras dos autores imitados têm dificuldade em não assumir como autêntica a assinatura que lhe é aposta. Esta aptidão de Meira tinha tais requintes, que houve mesmo quem lhe atribuisse uma origem sobrenatural, como fizeram aqueles que o colocaram entre os *vultos portugueses* do espiritismo, como descobriu um dos seus biógrafos,

Hernâni Monteiro, quando, em 1925, se deparou na *Revista de Espiritismo* com um artigo do Coronel José Augusto Faure da Rosa em que se afirmava que “ a facilidade com que João de Meira imitava, em prosa ou em verso, os grandes escritores falecidos provinha apenas da circunstância de ele ser um extraordinário *medium*, a quem somente competia o trabalho mecânico de escrever o que do misterioso Além lhe ditavam aqueles altos espíritos”. Definitivamente, Faure da Rosa não leu os textos que João de Meira escreveu no periódico *A Memória* sobre as sessões espíritas a que assistiu quando jovem estudante da Politécnica do Porto...

Se João de Meira não era um *medium* através do qual escritores mortos continuavam a compor as suas obras, também não era um falsário. Era, simplesmente, um circunspecto professor de medicina que, em momentos de ócio, se ocupava a escrever textos originais *à la manière de* diferentes escritores, que depois usava para se recrear, tentando enganar incautos, no que, por regra, tinha sucesso. Um género de divertimento quase inocente, que jogava com a candura e a credulidade das pessoas e que, décadas mais tarde, terá grande voga, tanto na televisão (com os programas de *candid camera* ou *apanhados*), como em livros, de que é exemplo a obra *Notas de Cozinha de Leonardo da Vinci*, um êxito editorial que passa como obra autêntica do pintor renascentista, apesar de ter sido totalmente inventada por mentes imaginativas.

De todos os textos que João de Meira escreveu e assinou com nomes de outros escritores, o que teve maior ressonância foi o poema *Loira*, publicado pela primeira vez no dia 3 de Abril de 1900, no jornal *O Comércio de Guimarães*, onde está assinado por João de Meira e que, uma década depois, apareceu, como obra de Cesário Verde, no jornal *O Dia*. Este “poema esquecido” seria descoberto por Jorge de Sena num *Almanaque de Lembranças*, que o revelaria, em Novembro de 1945, na revista *Mundo Literário*, sendo em seguida inserido na edição do *Livro de Cesário Verde* revista e acrescentada por João Cabral do Nascimento e publicada pela Editorial Minerva em 1948. Tal publicação daria origem a uma interessante polémica entre Joel Serrão e Jorge de Sena, esgrimida, em meados de 1958, nas páginas de várias edições da *Gazeta Musical e de Todas as Artes*. No final, não restariam dúvidas: o poema é obra de João de Meira.

Finalmente convencido de que a *Loira* não é obra de Cesário, mas João de Meira, Jorge de Sena continuou a admirar a sua beleza:

A Loira, tudo leva a crer, terá sido “oxigenada” pelo catedrático tripeiro, que distribuiria os seus ócios entre as cesarianas e as mistificações “cesáricas”. Mas é muito bela, caramba! Plus belle que nature? Paciência, que também a poesia de Cesário Verde o é.

E concluirá, na sua última contribuição para o debate com Joel Serrão:

Não obstante, o poema continua a ser muito belo, algo mais que um habilidoso e gracioso “pastiche”. De Cesário ou de João Meira, é sem dúvida digno de ser arquivado numa antologia de “Os Mais Belos Poemas da Língua Portuguesa”, e gostosamente aceito a prima responsabilidade de havê-lo tomado em público por autêntico, sem a partilhar com tantos outros camaradas de fino e seguro gosto, que em privado assim o tomaram como tal.

E o próprio Joel Serrão, que sempre defendeu que o poema não era de Cesário, não deixa de concordar com Jorge de Sena quanto à beleza do poema:

Pois não será verdade que nunca pus tal coisa em dúvida?

Bibliografia

- LEMOS, Maximiano, “Prof. João de Meira”, *Revista de Guimarães*, n.º 31, Guimarães, 1921, pp. 165-175.
- MONTEIRO, Hernâni, *Júlio Dinis e a tradição literária da Escola Médica do Porto*, Sep. do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, Vol. II, fasc. IV, Dez. 1939
- PIMENTA, Alfredo, Dr. João de Meira, *O Comércio de Guimarães*, Guimarães, 24 de Setembro de 1918.
- PINHO, Cândido de, sem título, *Ecoss de Guimarães*, n.º 200, de 10 de Março de 1918
- SENA, Jorge de, “Um “inédito” de Cesário Verde”, *Mundo Literário*, n.º 29, Lisboa, 25 de Novembro de 1946, p. 3.
- SENA, Jorge de, “Opiniões e Alvitres”, *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.ºs 89-90, ano VIII, 2ª série, Lisboa, Agosto-Setembro de 1958, pp.135.
- SENA, Jorge de, “Ainda e sempre o poema “Loira”, *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.º 93, ano VIII, 2ª série, Lisboa, Dezembro de 1958, p. 186.
- SERRÃO Joel, “Um falsário de poesia”, *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.º 88, ano VIII, 2ª série, Lisboa, Julho de 1958, pp. 120-121.
- SERRÃO Joel, O poema “Loira” não é de Cesário Verde, *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.ºs 91-92, ano VIII, 2ª série, Lisboa, Dezembro de 1958, pp. 186.
- SERRÃO Joel, Ainda (mas nunca mais) o poema “Loira”, *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, n.º 94, ano VIII, 2ª série, Lisboa, Janeiro de 1959, pp. 208-209.